

CORRESPONDÊNCIA

de JOAQUIM DE VASCONCELOS
para LEITE DE VASCONCELOS

ed. Philipp Kampschroer



CORRESPONDÊNCIA
de JOAQUIM DE VASCONCELOS
para LEITE DE VASCONCELOS

CORRESPONDÊNCIA
de JOAQUIM DE VASCONCELOS
para LEITE DE VASCONCELOS
ed. Philipp Kampschroer

Lisboa 2023

Imprensa Nacional
é a marca editorial da

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA, S. A.

Av. de António José de Almeida

1000-042 Lisboa

www.incm.pt

www.impresanacional.pt

www.facebook.com/ImprensaNacional

editorial.apoiocliente@incm.pt

© Philipp Kampschroer

e Imprensa Nacional-Casa da Moeda

TÍTULO

Correspondência de Joaquim de Vasconcelos para Leite de Vasconcelos

AUTOR

Philipp Kampschroer

REVISÃO

Raquel Oliveira

DESIGN

Rita Múrias

PAGINAÇÃO

Paulo Barata

Composto em Times New Roman e Din

Novembro de 2023

ISBN 978-972-27-3183-6

EDIÇÃO N. 1026419

A Imprensa Nacional agradece ao Museu Nacional de Arqueologia
e ao Centro de Linguística da Universidade de Lisboa
o apoio que deram à produção deste livro.



Centro de Linguística
da Universidade de Lisboa

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Introdução

As cartas que aqui publicamos dão-nos conta, em primeiro lugar, de alguns momentos do percurso de Joaquim de Vasconcelos (1849-1936). A primeira delas data de 1882, pouco antes de o portuense, após ter perdido o grosso da sua fortuna familiar, ingressar na carreira docente no Liceu do Porto, e a última de 1922, quando Vasconcelos é professor da Escola de Belas-Artes da mesma cidade. Já dos últimos 14 anos da sua vida não nos constam aqui missivas, nem da ocorrência da morte, em 1925, de sua mulher Carolina Michaëlis de Vasconcelos, filóloga tão estimada por José Leite de Vasconcelos (1858-1941), que com ela manteve uma correspondência intensa e duradoura¹. Não é novidade nenhuma que Leite teve mais estima por D. Carolina que pelo marido, da mesma forma, aliás, que na história das letras portuguesas o nome dela ganhou muito maior destaque. Estamos perante um dos raros casos em que a fama dominante pertence à parceira feminina do casal. É por isso que ainda hoje o “historiador, crítico de arte e museólogo”² é conhecido principalmente como “o marido de D. Carolina”, embora nos últimos anos tenha vindo a merecer uma atenção que é mais que justa por parte da história da arte, e mesmo por parte da história da filologia em Portugal.

Estas cartas devem ser consideradas como cartas avulsas, porque períodos longos, de vários anos, separam algumas delas, o que permite pensar que o fundo aqui apresentado certamente não corresponde à integralidade da correspondência enviada por Joaquim a Leite. Não nos foi possível, para mais, encontrar qualquer carta de Leite de Vasconcelos, nem no epistolário de Joaquim de Vasconcelos na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, nem em outro lugar. Mesmo tratando-se de um conjunto avulso, é, no entanto, possível reconhecer um bloco (JV04-JV14),

1 A edição desta correspondência está a ser preparada por Yara Frateschi Vieira e Maria Ana Ramos, para esta mesma coleção.

2 Subtítulo da extensa monografia de Sandra Leandro sobre Joaquim de Vasconcelos, *Joaquim de Vasconcelos – historiador, crítico de arte e museólogo: uma ópera*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2014.

formado por cartas relacionadas com a colaboração de Joaquim de Vasconcelos na revista *Arte* e n' *O Arqueólogo Português*, revista fundada por Leite de Vasconcelos em 1895, na qual Joaquim publicou quatro artigos entre 1896 e 1901. O primeiro desses artigos, «Os desenhos de Francisco de Hollanda: antiguidades da Itália no Codice da Bibliotheca do Escurial», foi enviado a Leite no dia 27 de dezembro de 1896 (pelo que consta da carta de 13 de janeiro de 1896, JV05). Terá recebido de Leite, em resposta, uma missiva a prometer a sua publicação para um número mais adiantado da revista, o que não agradou a Joaquim que, em carta de 16 de janeiro (JV06), faz saber que “[c]om franqueza, a demora na publicação do meu estudo não me é m.^{to} agradável. Está a sahir dentro de 4 semanas, maximo, um trabalho meu sobre o Hollanda. Convinha-me que o artigo estivesse impresso até lá”. Depreende-se que Leite acedeu a este pedido enérgico pelo facto de o artigo ter saído no número de fevereiro d' *O Arqueólogo*³. Esta insistência proporciona-nos uma prova, nem a primeira nem a última nestas cartas, do carácter de Joaquim de Vasconcelos, que alguns chamarão direto e outros petulante.

Entre 1898 e 1899, Joaquim ocupará (embora na carta de 23 de dezembro de 1898 – JV12 – afirme vontade contrária) as páginas d' *O Arqueólogo Português* com uma pequena polémica disputada com Guilherme J. C. Henriques, sobre os desenhos de Damião de Goes na Igreja de Santa Maria da Várzea em Alenquer. Esta começa com um artigo seu, intitulado «Damião de Goes», no quarto volume (1898) d' *O Arqueólogo*, no qual leva a cabo uma crítica minuciosa, e por vezes feroz, de um estudo de Henriques⁴. Este responde num artigo dirigido ao redator da revista, que será publicado no mesmo volume do mesmo ano⁵. Henriques mostra-se escandalizado pelo “rancor pessoal que me dava o direito de responder em termos iguaes”, desistindo porém “d'esse direito, porque tenho outro campo ao meu dispôr aonde posso tratar do assumpto desafogadamente, e porque prezo de mais as paginas d' *O Archeologo* para as fazer descer á posteridade enxovalhadas com polemicas d'este género” (*ibid.*, p. 257). Acusa também Leite de ter aceitado e dado aval para a reprodução do desenho, feito por Joaquim, de um escudo de Damião de Goes, que alega ser inexato, juntando “uma photographia que, embora não seja perfeita, será sufficiente para a verificação da verdade do que passo a expor” (*ibid.*). A seguir, passa de facto ao escrutínio dos erros cometidos por Joaquim, a despeito de ter trazido algumas “noticias importantes”. Joaquim soube antecipadamente, através da mulher (e, portanto, de Leite), da publicação desse artigo-resposta e escreve a Leite que lho

3 Joaquim de Vasconcelos, «Os desenhos de Francisco de Hollanda», *O Archeologo Português*, Vol. II (fevereiro de 1896), pp. 33-48. [https://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/publicacoes/o_arqueologo_portugues/serie_1/volume_2/33_desenhos_francisco_hollanda.pdf; consultado a 18 de dezembro de 2022].

4 Joaquim de Vasconcelos, «Damião de Goes», *O Archeologo Português*, Vol. IV, 1898, pp. 1-17. [https://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/publicacoes/o_arqueologo_portugues/serie_1/volume_4/1_damiao_goes.pdf; consultado a 19 de dezembro de 2022].

5 Guilherme J. C. Henriques, «Damião de Goes», *O Archeologo Português*, Vol. IV (outubro-dezembro), pp. 257-261. [https://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/publicacoes/o_arqueologo_portugues/serie_1/volume_4/257_damiao_goes.pdf; consultado a 19 de dezembro de 2022].

envie em provas, para “eu responder *em quatro ou cinco linhas apenas*” (JV12). Leite assim fez, mas teve o escrúpulo de declarar essa vantagem em público: no último número de 1898, a revista inclui uma advertência de Leite, em que este informa que, como existem “entre elle [Joaquim] e mim, ha muitos anos, relações amicaes, julguei do meu dever enviar-lhe as provas typographicas da resposta do Sr. Guilherme Henriques [...], a fim de elle dizer sobre ellas o que entendesse. Nisto não tive a minima intenção de ser desagradavel ao Sr. Henriques, a cujos trabalhos voto toda a estima”⁶. Na mesma página, abaixo da advertência, segue o comentário prometido por Joaquim, o qual patenteia o intuito de acalmar a polémica que desencadeara.

Com base em episódios como este, conclui Sandra Leandro que “pouca diplomacia e pouco tacto, muito ímpeto e alguma ingenuidade dos começos” definiram o perfil de Joaquim de Vasconcelos (Leandro, 2014, p. 516). Apressa-se, no entanto, a acrescentar que este “perfil não é, contudo, o rosto inteiro, e do outro lado existe uma face que é a de um humanista que reuniu um saber invulgar e a de um homem generoso que em defesa do Património, que era de todos, devorou grande parte do seu, consumindo também a sua vida em serviço de múltiplos estudos e trabalhos oficialmente pouco apoiados” (*ibid.*).

Da atividade desenvolvida em prol do património por Joaquim de Vasconcelos, que foi funcionário desde 1884 e, desde 1888, também diretor do Museu Industrial e Comercial do Porto, até 1899, data da sua extinção, colhemos provas variadas nas cartas a Leite. Destacamos duas, que são talvez as mais interessantes deste acervo, de 8 de julho de 1905 (JV16) e de 9 de março de 1912 (JV19). A primeira consiste numa série serrada de críticas ao Museu Etnográfico de Belém, que, como se sabe, fora fundado e era dirigido pelo próprio Leite. Joaquim refere nomeadamente a organização das secções, a classificação de algumas peças, a orientação pedagógica (“[p]ara noventa e nove por cento dos visitantes aquillo é um simples *Ferro-Velho*”) e disponibiliza a sua ajuda para analisar as peças de gesso. Esta carta constitui, certamente, um documento com valor para a história do Museu Etnográfico.

Na missiva de março de 1912 (JV19), Vasconcelos informa Leite do aparecimento de uma “joia de ouro que reputo *iberica*”, cujo valor arqueológico ele foi encarregado de avaliar, pedindo ao diretor do Museu de Belém que não entre em concorrência com o Museu Municipal do Porto, que estaria disposto a comprá-la ao seu possuidor. O arranjo resultou, ou seja, Leite concordou em não interferir na transação, como poderia ter feito. No número de maio da revista *Arte*, Joaquim de Vasconcelos fornece uma descrição das peças – que, com alguma reserva, julga serem fragmentos de um diadema celtibérico – e informa que o referido Museu Municipal as adquiriu “após laboriosas e prolongadas negociações em que houve muito a louvar, pois o possuidor [Avelino Padrão] deu provas de evidente desinteresse e patriotismo”⁷. As duas peças encontram-se hoje no Museu Nacional Soares dos Reis

6 Joaquim de Vasconcelos, «Á cerca do artigo sobre Damião de Goes» [com uma advertência de José Leite de Vasconcelos], *O Archeologo Português*, Vol. IV (outubro-dezembro), p. 337. [https://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/publicacoes/o_arqueologo_portugues/serie_1/volume_4/337_cerca_artigo.pdf; consultado a 19 de dezembro de 2022].

7 Joaquim de Vasconcelos, «Diadema celtiberico (?)», *Arte*, 8.º ano, n.º 89, Porto, 1912, p. 38-39 [38].

(Inv. 147 CMP) e são descritas como um par de *Aros de S. Martinho de Bougado*, da 2.^a Idade do Ferro, cuja função “permanece ainda indeterminada”⁸. Em anexo a esta correspondência, reproduzimos o artigo de Joaquim de Vasconcelos na revista *Arte*, permitindo o cotejo das várias descrições da joia encontrada em Santo Tirso.

A carta de março de 1912 está escrita em papel timbrado do Museu Industrial e Comercial do Porto, oficialmente extinto em 1899, mas que persistiu como “museu fantasma”, sendo que o acervo ficou à guarda de Joaquim e de alguns poucos funcionários, tendo havido inclusive várias tentativas de reabertura. Só depois da morte de Joaquim de Vasconcelos, em 1932, o espólio do museu começou a dispersar-se, com algumas peças a serem postas à venda e outras, nomeadamente rendas e cerâmicas, a transitarem para o Museu Nacional Soares dos Reis. Este fim desconsolador foi, de certa forma, antecipado por Joaquim na carta de 5 de novembro de 1894 (JV03), na qual lamentara que “[e]m Portugal nenhuma instituição, ainda a mais útil”, valha “pelo fim ideal e pratico de educação publica que representa [...]”. Morto o fundador, ou o ministro iniciador – está morta a ideia, ou o que é pior: cáe na mão dos politicos, dos exploradores de empregos”. Recorda o destino do Museu Fradesso da Silveira, que foi “roubado, disperso, aniquilado, mal elle [Fradesso da Silveira] expirou”. O discurso de decadência nacional, tão próprio de Joaquim de Vasconcelos, não se aplica, porém, ao percurso afortunado de Leite e do seu Museu Etnográfico, precursor do atual Museu Nacional de Arqueologia. O seu espólio inaugural fora composto pela coleção Estácio da Veiga, adquirida em 1893, ano da fundação do museu, cuja abertura, contudo, só aconteceu posteriormente. As palavras de Joaquim sobre o acervo Estácio da Veiga e sobre o ministro Bernardino Machado, que patrocinou a fundação do museu belenense, não são muito animadoras: “Prophetisei ao Estácio da Veiga em 1879, e mesmo antes, o que depois lhe succedeu com o Governo e com a Academia de B. A. (caverna de Cáco *s’il en fût!*...). Não meu amigo, não serei quem o engane! O Bernardino M. é sincero como amigo, e tem boas intenções, mas como politico é um grão de areia no meio de uma roda, que anda á mercê de todos os ventos e de todas as aguas”. Notamos nesta passagem indícios de inveja pelo sucesso do seu correspondente? Parece que sim. No final da segunda página, Vasconcelos procura novamente dissipar a convicção do seu colega museólogo, quando diz: “Se o amigo quer illusões – siga-as; e d’aqui a 5, maximo 10 annos me responderá!; mas não conte dissuadir quem chegou a amargos, mas salutaes resultados apoz mais de 25 annos de sacrificios ‘patrioticos’”. No caso de Joaquim de Vasconcelos e do Museu Industrial do Porto, a previsão dos cinco anos cumpriu-se; já o museu de Belém iria perdurar, como referido, até à atualidade.

Não é só nos empreendimentos museológicos – quer Leite, quer Joaquim, fundaram museus com tipologias então incipientes em Portugal – que ficam nítidos paralelos entre os percursos dos dois. Embora Leite seja indubitavelmente mais versátil, também Joaquim de Vasconcelos pertence àquela espécie de erudito

8 *Museu Nacional de Soares dos Reis: roteiro da colecção*, 2.^a edição. Lisboa: IPM, 2007, p. 158. No *Catálogo-guia: joias, pratas, relógios, miniaturas, esmaltes e diversos* (Porto: Museu Nac. de Soares dos Reis, 1942) da entrada correspondente a estas peças consta: “‘Adornos’ Pul-seiras (?) de Bougado – Santo Tirso). Ouro de 0,600 – Peso 106grs., 90. Época Pré-Romana. – P. M. [Património Municipal]” (p. 5).

oitocentista que não se confina ao campo para que se sente mais inclinado – a história da arte, disciplina que define muito cedo como sua⁹. Há em ambos o gosto por tudo o que é antigo, com clara preferência pela arte portuguesa. O ponto de contacto primacial encontra-se talvez no interesse partilhado pela arte popular, pela museologia, pela procura das formas de expressão artística do povo português, que não é alheia a uma certa mitificação da identidade nacional. Mais marginal na obra de Joaquim é a filologia, disciplina que estava em plena ascensão no século XIX, e através da qual se deu a aproximação entre Leite e D. Carolina, figuras pioneiras da área em Portugal. Há, ainda assim, um ponto de contacto curioso de cariz filológico entre os dois. Foi justamente Joaquim de Vasconcelos, fluente na língua alemã, que, em 1874, se começou a cartear com Wilhelm Storck, camonista alemão, incentivando-o a prosseguir a sua tradução da lírica camoniana e proporcionando-lhe apoio bibliográfico¹⁰. A correspondência entre ambos prosseguiu ativamente, só por volta de 1880 se observa que D. Carolina passou a “substituir” o marido como interlocutor principal de Storck. Também Leite se correspondia com Storck e, em 1910, dedicou-lhe a monografia *O doutor Storck e a literatura portuguesa*. Nela sintetiza da seguinte forma o empenho de Joaquim, traçando-lhe também a biografia alemã:

Por 1872-1873, o Sr. Joaquim de Vasconcellos, então ainda de verdes annos, andava em accessa luta litteraria com varios escritores por causa da traducção do *Fausto* de Goethe por Castilho. Tal enthusiasmo com as cousas da Allemanha nas suas relações com Portugal provinha de ter o Sr. Vasconcellos vivido bastante tempo naquelle país, como estudante (1859-1865 e 1870-1871); o mesmo enthusiasmo o aproximou de Storck, quando soube que este havia traduzido Camões. As relações entre os dois começaram em 1874 (por cartas), e ellas foram em extremo proveitosas ao escritor allemão, tanto porque o Sr. Vasconcellos lhe enviou grande quantidade de livros portuguezes, sobretudo camonianos, o que pôs Storck immediatamente em estado de ampliar os seus estudos, como porque, ao fallar de trabalhos d'elle em 1874, e ao visitá-lo (pela primeira vez) em 1876, lhe deu sempre incentivo para prosseguir nelles. [...]¹¹

9 Na primeira carta dirigida a Wilhelm Storck, datada de 29 de agosto de 1874, Joaquim de Vasconcelos anuncia que vai escrever a propósito das *Canções* de Camões, traduzidas por Storck, uma curta recensão crítica para o jornal *A Actualidade*. Mas, consciente de que a sua área de estudo é outra, a história da arte, acrescenta que os seus amigos Adolfo Coelho e Teófilo Braga saberiam apreciar melhor o trabalho de Storck.

10 Philipp Kampschroer (ed.). *Wilhelm Storck – Joaquim de Vasconcelos: Briefwechsel*. Bamberg: Bamberg University Press, 2022. Cf. também Philipp Kampschroer, «Camões entre Münster e o Porto: Cartas de Wilhelm Storck e Joaquim de Vasconcelos», *Diacrítica [Ciências da Literatura]*. Braga: Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, N.º 30/3, 2016 [dossier *negativos na literatura*], pp. 95-116.

11 José Leite de Vasconcelos. *O Doutor Storck e a litteratura portuguesa*. Lisboa: Academia Real das Ciências, 1910, pp. 27-28.

Leite tivera estas indicações da mão da própria Carolina, entre outras numa carta datada de 21 de novembro de 1905, na qual diz enviar, junto, um maço de cartas de Storck e explica que

[a]s minhas relações com elle [Storck] datam de 1877; as do meu marido são mais antigas. Começaram em 1874. Depois de elle [Joaquim] conhecer as Canzonen (1844) e os Idyllios (1869) enviou ao traductor um caixote cheio de obras camonianas. Visitou-o em 1876. Depois do nosso casamento, repetimos, juntos, (em 1876) a peregrinação a Münster. E eu lá voltei, acompanhada do Carlos em 1889, hospedando-me em casa d' elle.¹²

Será que Leite também se dirigiu ao próprio Joaquim para recolher informações diversas para o seu livro sobre Storck? As lacunas no espólio das cartas não nos permitem responder com segurança, mas, de todas as formas, se houve consultas a Joaquim elas não foram muito aprofundadas, visto que o seu nome não aparece nos agradecimentos de *O doutor Storck*. O contacto entre Leite e Joaquim é, em geral, bastante ocasional e não especialmente afetuosos.

O currículo de ambos reflete um padrão próprio do académico português de oitocentos, englobando, nesta ordem, funções como professor de liceu, a fundação de um museu e, finalmente, a docência no ensino superior. Para Joaquim, o ofício de professor de liceu era aparentemente pouco satisfatório, o que é corroborado pela carta de 5 de agosto de 1888 (JV02), em que começa por congratular Leite pela sua recém-obtida nomeação como conservador da Biblioteca Nacional. Na mesma frase salienta, curiosamente – como se se tratasse da consequência mais importante da nomeação –, o facto de Leite, a partir de agora, “se vêr livre de todos os Lyceus do mundo”. Esta observação mostra que Joaquim não está a par da situação do seu correspondente. Na verdade, a nomeação permitiu a Leite ver-se livre de ser médico de província, mas só depois dela se envolverá em atividades liceais. O núcleo da carta é, contudo, constituído por um pedido de apoio para a candidatura de Joaquim à cadeira de alemão do Liceu do Porto, onde lecionava inglês e alemão, sem nomeação definitiva, desde junho de 1883. Não sabemos se se deveu também a eventual apoio de Leite a nomeação de Joaquim de Vasconcelos como “professor proprietário do 4.º grupo (Francês, Inglês e Alemão) por Decreto de 30 de setembro de 1888” (Leandro, 2014, p. 146).

A última fase da vida de Joaquim de Vasconcelos está, como dissemos, ausente desta recolha de missivas. E também só encontrámos duas cartas enviadas já depois da sua nomeação como professor da 8.ª cadeira da Escola de Belas-Artes do Porto, em novembro de 1913, dois anos depois de a mulher ter obtido a nomeação como professora da Universidade de Coimbra. As referências que encontramos ao

12 Ivo Castro, Enrique Rodrigues-Moura, Yara Frateschi Vieira, «Cartas a três: Carolina Michaëlis entre Leite e Schuchardt», *O Arqueólogo Português*, série 4, Vol. 26 (2008), pp. 451-470 [457]. (https://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/publicacoes/o_arqueologo_portugues/serie_4/volume_26/cartas_yaraivoehenrique.pdf; consultado a 19 de dezembro de 2022).

longo desta correspondência corroboram uma impressão que a leitura de outras correspondências dos dois também sugere. Existia entre os dois cônjuges uma certa cooperação de trabalhos, no sentido em que Joaquim e Carolina tratavam, por vezes, da correspondência um do outro e se encarregavam de certas diligências. Em carta de 23 de outubro de 1901 (JV15), por exemplo, Joaquim pede a Leite a “reprodução (phototypia) de um quadro existente na Casa Pia de Belem [...] p.^a a grande biographia da Infanta D. Maria [da autoria de Carolina Michaëlis], a das ‘Servas’. Esse quadro representa a família de D. Manuel e D. João III; é da 2.^{da} metade do sec. XVI”.

A crítica tem realçado que Joaquim e Carolina tinham temperamentos muito diferentes. A fim de ilustrar essa diferença, Sandra Leandro refere uma anedota curiosa: no exemplar de trabalho de D. Carolina de uma edição que o marido fizera de um texto de Francisco de Holanda¹³, no ponto em que Joaquim observa sobre a tradução de Raczyński que este “traduziu mal”, o exemplar de Carolina mostra que o advérbio *mal* foi riscado por D. Carolina com um traço a lápis e substituído ao lado pela palavra *imperfeitamente*. E Leandro comenta: “Era, e é, uma palavra manuscrita pelo temperamento gentil de Carolina” (Leandro, 2014, p. 516).

O próprio Joaquim, em carta a Leite de outubro de 1917 (JV15), reconhece esta diferença temperamental, ao observar que a sua mulher, “a bondade e generosidade em pessoa”, apesar de recuperar de uma doença, não sabia “dizer: NÃO aos inúmeros admiradores (de boa e de má fé – exploradores...) que a cercam n’este microcosmos lusitano”, ao passo que ele próprio teria feito “do NÃO uma moderna divisa sua. E está bem”. Nesta passagem ressaltam ainda alguns traços típicos do estilo de Joaquim de Vasconcelos, que usa preferencialmente frases curtas, contendo muita informação condensada, e emprega amiúdes vezes travessões, reticências, letras maiúsculas, que alguns verão como exteriorização do seu temperamento frenético.

Na última carta, datada de junho de 1922 (JV22), Vasconcelos pede a Leite que lhe indique em que volume d’*O Arqueólogo* saíra um artigo de José Pessanha sobre «A arte manuelina e os críticos» (este encontra-se no número XXII, que Vasconcelos não tem à mão). As “relações muito frias com esse Senhor” (Pessanha), aludidas por Joaquim, não se prenderão, de qualquer forma, com questões académicas relacionadas com a arquitetura manuelina. O artigo em causa constitui uma revisão crítica da literatura sobre o Manuelino, com Pessanha a concordar genericamente com a posição de Joaquim (a que chama “o erudito arqueólogo portuense”), que rejeitara a sua classificação como estilo autónomo. Atestando-lhe parentesco com a arquitetura espanhola coeva, Joaquim concluíra que “[n]o Manuelino [...] não há originalidade nos processos de construir; não há clara determinação das funções que os elementos arquitectónicos tem de exercer, ficando, por vezes, elementos construtivos reduzidos a acessórios ornamentais e simulando acessórios ornamentais elementos construtivos [...]”.¹⁴

13 Francisco de Holanda. *Da fabrica que fallece á cidade de Lisboa: da sciencia do desenho*. Edição crítica de Joaquim de Vasconcelos. [Da série *Archeologia Artistica*, Vol. II, fasc. VI]. Porto: Imprensa Portuguesa, 1879.

14 José Pessanha, «A arte manuelina e os críticos», *O Arqueólogo Português*, vol. XXII (1917), pp. 54-69 [55]. (https://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/publicacoes/o_arqueologo_portugues/serie_1/volume_22/54_arte_manuelina.pdf; consultado a 19 de dezembro de 2022).

Não temos qualquer motivo para duvidar que Leite tenha satisfeito prontamente o pedido de Joaquim de Vasconcelos, indicando-lhe o volume em questão d' *O Arqueólogo Português*, revista que por essa altura já dirigia há mais de 25 anos. Mas não é difícil imaginá-lo a revirar os olhos perante o comentário do seu correspondente sobre as relações frias com José Pessanha. As numerosas contendas e disputas em que Joaquim se envolvia com tanta facilidade eram decerto alheias a este homem, diplomático e moderado de maneiras. É pena que não disponhamos de nenhuma das suas respostas. Seriam de particular interesse as suas reações, respetivamente, à crítica de Joaquim ao Museu de Belém (JV16) e à notícia sobre a joia de ouro encontrada em Santo Tirso (JV19). Ainda assim, não deixa de ter a sua ironia que, devido à ausência das cartas, o surpreendamos no silêncio das linhas em branco. Afinal, a diferença entre Joaquim e Leite é a que vai do autor eclético, que se procura dirigir a um grande público, encarando o seu trabalho como uma competição, ao erudito com projetos de revistas e museus bem definidos, e bem-sucedidos, e que, de opúsculo em opúsculo, se contenta com a atenção de um círculo seleto de conhecedores.

Philipp Kampschroer

Cartas de Joaquim de Vasconcelos para Leite de Vasconcelos	
Carta n.º	Data
JV01	16/03/1882
JV02	05/08/1888
JV03	05/11/1894
JV04	24/11/1895
JV05	13/01/1896
JV06	16/01/1896
JV07	14/04/1896
JV08	17/10/1897
JV09	03/12/1897
JV10	04/01/1898
JV11	13/04/1898
JV12	23/12/1898
JV13	10/03/1899
JV14	23/11/1900
JV15	23/10/1901
JV16	08/07/1905
JV17	01/08/1905
JV18	18/05/1910
JV19	09/03/1912
JV20	19/04/1913
JV21	17/10/1917
JV22	09/06/1922
JV23	s.d.

**Cartas
de Joaquim de Vasconcelos
(1882-1922)**

Lisboa, MNA, 3503, 22848

16/03/1882.

Carta em bifólio de papel liso, escrito nas duas páginas exteriores (1.º esquerda, 2.º direita), datada do Porto.

[1] Ex. Sr.

Porto 16/3. 82

Remetto o N.º 1881/11 do *Litteraturblatt* de Neumann*, em que vem o artigo do Coelho¹⁵. Envio igualmente o volume de Poesias de Miranda que agradeço; e remetto os seg.^{ts} fasciculos da *Romania* e volumes:

Volume primeiro encadernado e fasciculos 36 a 39 que compõem todo o volume nono.

[2] Peço o obsequio de não demorar muito a *Romania*, porque é consultada p.^r minha mulher com frequencia.

De V. Exa.

Amigo e Obrg.

Joaquim de Vasconcelos.

* *A esta frase, J. de Vasconcelos adicionou no final da carta uma nota, referenciada a Neumann, com o seguinte texto: a adresse vae a azul, mas é mais conveniente tomar a vermelha nas costas*

15 Adolfo Coelho. [Recensão crítica de] *Era Nova*. Revista do movimento contemporaneo dirigida por Theophilo Braga e Teixeira Bastos. Proprietario-gerente Ant. Furtado, ano 1880/81, número 1-8. In: *Litteraturblatt für germanische und romanische Philologie* [Nr. 11, November 1881], pp. 412-415.

Lisboa, MNA, 3503, 22849

05/08/1888.

Carta em papel timbrado *Ministerio das Obras Publicas. Commercio e Industria. Direcção do Museu Industrial e Commercial do Porto*, escrita nas duas páginas exteriores (1.º direita, 2.º esquerda), datada do Porto.¹⁶

[1] Porto, 5/8 – 88

Meu amigo,

Temos concursos em Outubro!

Dou-lhe novam.^{te} os parabens por se vêr livre de todos os Lyceus do mundo, na sua nova posição, onde Deus o conserve com vida e saude por m.^{to} tempo.¹⁷

É concorrente à cadeira de allemão – o Müffler¹⁸, o famoso amigo do famoso Albuquerque¹⁹; não tenho outro rival, e pouco me importaria com elle, se não fossem as intrigas indecentes e os rancores, que tem transformado o Lyceu do Porto, ha dous annos – n'uma succursal da mais porca politica. Dispenso-me de lhe contar os pormenores, o amigo assistiu ainda ao principio da comedia; mas o melhor veio depois!

[2] Ora, o meu systema – dignidade e justiça – nunca alli agradou a ninguem! Infelizmente, falta-me o meu melhor amigo e protector o Dr. José Fructuoso!!

Diga-me, se pelas suas relações de Lisboa, pelo Bispo de Lamego,²⁰ ou outros, pode fazer alguma cousa em meu proveito? Juncto envio uma carta que peço o favor de

16 Joaquim de Vasconcelos foi nomeado, provisoriamente, em maio de 1884 como conservador do referido museu, nomeação essa que se tornará definitiva em setembro de 1888, sendo finalmente, em janeiro de 1889, nomeado como o seu diretor (cf. Leandro, 2014, p. 446).

17 Joaquim de Vasconcelos refere-se à nomeação de Leite, em 1888, como conservador da Biblioteca Nacional, cargo que ocupará até 1911 (cf. Lúcia Cristina Coito, João Luís Cardoso, Ana Cristina Martins. *José Leite de Vasconcelos: fotobiografia*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, 2008, p. 67).

18 Franz Xaver Hubert Müffler (1842-?), professor de língua inglesa e alemã no Liceu Nacional de Braga, autor de uma *Grammatica da Lingua Allemã* (Porto: Livraria Portuense – editora, 1890). Da biografia de Müffler levantada por Rolf Kemmler (em *Die frühesten portugiesischen Deutschlehrwerke* (1863-1926). Vila Real: Centro de Estudos em Letras da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2019, pp. 185-195) não consta que Müffler se tivesse candidatado com sucesso à cadeira de alemão do Liceu do Porto.

19 Trata-se muito provavelmente de Joaquim de Azevedo Sousa Vieira da Silva Albuquerque (1839-1912), professor no Liceu do Porto e, posteriormente, na Academia Politécnica do Porto.

20 D. António da Trindade de Vasconcelos Pereira de Melo, bispo de Lamego entre 1863 e 1895 (cf. P.º Miguel de Oliveira. *História eclesiástica de Portugal*. Edição revista e actualizada. Mem Martins: Europa-América, 1994, p. 306).

mandar deitar no correio, depois de pôr a addressé que ignoro; é carta importante p.^a o Dr. Bern. Machado.²¹

Agradeço, desde já, qualquer serviço ou informação que possa prestar-me, e aqui fico ao seu dispôr.

Seu amigo e obrig.º
Joaquim de Vasconcellos.

21 Leite de Vasconcelos obteve o apoio político de Bernardino Machado, recém-nomeado ministro das Obras Públicas num governo liderado por Ernesto Hintze, à fundação do seu Museu Etnológico de Belém, em 1893. Luís Raposo explica-nos da seguinte forma a constelação feliz que levou à concretização deste plano de longa data de Leite: "é precisamente de 5 de abril de 1892, ou seja, imediatamente depois de fixado o novo gabinete, que data o cartão pessoal de Bernardino Machado para Leite de Vasconcelos, dizendo: «Meu caro amigo – Abraço vivamente a sua ideia. Posso falar-lhe aqui (...) à noite. O melhor, para virmos já conversando pelo caminho, é procurar-me depois de jantar na secretaria. Creia-me deveras seu amigo obrigado.» E o decreto régio que instituiu o [o Museu Etnológico] data de 20 de dezembro de 1893, sendo precisamente assinado por João Franco e Bernardino Machado. Ou seja, o Museu Etnográfico Português, nas circunstâncias concretas em que surgiu, foi fruto de uma «janela de oportunidade», em que se conjugaram as vicissitudes da história política e governativa do País com os ideais defendidos por dois homens de cultura, sendo um deles académico e político e outro sobretudo homem de terreno" (Luís Raposo, «O pensamento museológico de José Leite de Vasconcelos e o programa do Museu Etnológico Português». In: *José Leite de Vasconcelos (1858-1941): Peregrino do saber*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia; IN-CM, 2015, pp. 39-60, p. 42). Ver também *Correspondência entre Bernardino Machado e José Leite de Vasconcelos*, ed. Lúvia Cristina Coito. Lisboa: Imprensa Nacional [no prelo]; o cartão em referência tem o n.º BM04.

Lisboa, MNA, 3503, 22850

05/11/1894.

Carta em bifólio pautado, escrita nas quatro páginas, datada do Porto.

[1] Porto, 5 de Nov. de 94.

Meu prezado amigo

Agradeço o seu opusculo sobre o *Museu ethnogr. portug.* que já li²². Acho interessantes os seus estudos, como sempre, e creio que serão da mesma opinião as 6 ou maximo 12 pessoas que em Portugal sabem o que é ethnographia portugueza.

Se, porém, o amigo pensa em propaganda a favor de um *novo Museu*, creio que soffrerá amargas desillusões. Em Portugal nenhuma instituição, ainda a mais util, vale pelo fim ideal e pratico de educação publica que representa – vale pelos empenhos, pelas influencias que a escudam. Morto o fundador, ou o ministro iniciador – está morta a ideia, ou o que é peor: cáe na mão dos politicos, dos exploradores de empregos. Veja o que fizeram dos projectos do finado A. A. de Aguiar²³: *Museus e Escolas industriaes* – uma caricatura nas mãos de Navarros e Comp.^{ia} [acrescentado na margem inferior: apenas Aguiar fechou os olhos! (1887)]. Tudo isso é [2] hoje – a fingir. Lembre-se do Museu Fradesso da Silveira²⁴, *emprestado* a Portugal por um cento de industriaes estrangeiros e – roubado, disperso, aniquilado, mal elle expirou! Podia encher-lhe um volume com factos analogos nos ultimos 50 annos; conheço isso por documentos officiaes, que possuo. Prophetisei ao

22 *Museu Ethnographico Português. Considerações por José Leite de Vasconcellos*. Director do mesmo Museu. Conservador da Bibliotheca Nacional de Lisboa e Professor do Curso de Bibliothecario-Archivista. Porto: Typographia de A. F. Vasconcellos, 1894.

23 António Augusto de Aguiar (1838-1887), professor na Escola Politécnica de Lisboa e político, destacando-se entre os seus cargos e funções a tutela do Ministério das Obras Públicas entre 1883 e 1887, ano em que faleceu. Durante o seu mandato foram criados vários museus e escolas industriais: “[o]s museus foram criados por decreto de 24 de Dezembro de 1883 e as escolas por Decreto de 3 de Janeiro de 1884: oito escolas de desenho industrial, três em Lisboa, três na Invicta, uma em Coimbra, uma nas Caldas da Rainha e uma escola industrial na Covilhã” (Leandro, 2014, p. 425). Também a criação do Museu Industrial e Comercial do Porto, desde 1889 presidido por Joaquim de Vasconcelos, teve o aval positivo do ministro Aguiar.

24 Museu industrial em Lisboa, localizado provisoriamente num armazém da alfândega, fundado por Joaquim Henriques Fradesso da Silveira (1825-1875), popularmente chamado “Museu Fradesso da Silveira”; foi extinto pouco depois da morte do seu fundador. Nas palavras sarcásticas de Ramalho Ortigão, n’*As Farpas*, após a sua extinção, “[e]nquanto nas estações officiais se ia discutindo a pouco e pouco o problema do lugar onde tinha de ser pôsto o incómodo empacho que inteiramente pejava a repartição aduaneira, começou-se a observar na alfândega que a colecção da arte industrial, em vez de aumentar, ia diminuindo sempre, lentamente mas progressivamente, de dia para dia, até que, finalmente, da última vez que lá foi a última comissão dos peritos encarregados de dar parecer sôbre o assunto, se constatou com júbilo indescritível e com satisfação geral que no museu não existia senão o funcionário encarregado de o espanar, as prateleiras muito bem espanadas e um espanador. Tudo mais havia desaparecido completa e absolutamente, sem deixar o mínimo vestígio da sua passagem sôbre a face do planeta que habitamos” (Ramalho Ortigão. *As Farpas*. Tomo X. Lisboa: Livraria Clássica editora, p. 169-170).

Estácio da Veiga²⁵ em 1879, e mesmo antes, o que depois lhe succedeu com o Governo e com a Academia de B. A. (caverna de Cáco *s'il en fût!*...). Não meu amigo, não serei quem o engane! O Bernardino M. é sincero como amigo, e tem boas intenções, mas como politico é um grão de areia no meio de uma roda, que anda á mercê de todos os ventos e de todas as aguas. Esses mesmos que *imaginam* que governam, não sabem o que será o dia d'amanhã, andam à *l'aventure*, porque os destinos de P.^{al} jogam-se lá fóra – no “foreign office”, em certa rua de Londres, como o disse [3] m.^{to} antes do *ultimatum* de 1890 um digno Par do Reino em plena câmara.

Tudo isto que nos cêrca cá é portuguez – pelo nome. Não conte pois com o Carlos²⁶ p.^a futuros estudos de linguistica; elle estudará provavelm.^{te} engenharia mechanica, e especialm.^{te} o ramo novo de “electrotechnica” e – ficará onde esses estudos valem e prosperam, isto é: no estrangeiro! A sciencia em Portugal é bôa – p.^a se morrer á fome – e p.^a se correr o grave risco que ameaçou o Coelho durante annos. M.^{ha} mulher está plenamente convencida d'isso, tambem. Tenho dito e direi ao Carlos: *Ubi bene – ibi patria!* Se o amigo quer illusões – siga-as; e d'aqui a 5, maximo 10 annos me responderá!; mas não conte dissuadir quem chegou a amargos, mas salutaes resultados apoz mais de 25 annos de sacrificios “patrioticos”.

E adiante.

Na exposição colonial²⁷ (que fechou hontem) [4] ha exempl. de valor ethnogr.^{co}, mas pertencem a colleccionadores particulares (Azuaga, Alb. Correia, Aug. Luso etc). Na secção de Angola e Moçamb. existem peças curiosas, reunidas pelas commissões locaes, nomeadas pelos governadores; não são porém, *duplicados*. P.^a estes ha 5 ou 6 pretendentes (museus publ. e partic.) que o Governo prometteu contemplar!! Não sei como se ha-de fazer a distribuição. Mais uma burla?...?

O melhor seria pedir uma licença e vir até cá, mesmo porque o Catalogo²⁸ *está em meio*, na Impr. Nac.^{al}, e a Exposição já fechada, vae desfazer-se. Oito mezes de expos.^{ção} sem catalogo, sem guia – uma Africa bem ás escuras. E merecia ser estudada; a sua historia é a de uma campanha perdida; o fecho de um *Centenario* que foi uma mascarada carnevalesca.*

Seu muito aff. amigo
J. de Vasconcellos

[* *acrescentado na margem*: E ainda falta o ult. acto: a liquidação das estampilhas sonegadas!...]

25 Sebastião Estácio da Veiga (1828-1891), arqueólogo, autor da obra *Antiguidades Monumentais do Algarve*, 4 vols., Lisboa, 1886-1891. A sua coleção arqueológica, sobretudo de peças do sul de Portugal, constituiu um núcleo inicial do Museu Nacional de Arqueologia (Vasconcelos, 1915, p. 307). Também recolheu literatura tradicional: *Romanceiro do Algarve*, Lisboa, 1870.

26 Carlos Joaquim Michaëlis de Vasconcelos (1877-1932), único filho do casal Michaëlis-Vasconcelos, formar-se-á em Engenharia de Máquinas pela Königlich Technische Hochschule zu Berlin, instalando-se, depois de casado, novamente no Porto (cf. Maria Manuela Gouveia Delille, Isabel João Ramires. *Carolina Michaëlis de Vasconcelos/Ricardo Jorge: Correspondência*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 2021, p. 212n).

27 A Exposição Insular e Colonial Portuguesa decorreu no Porto, no Palácio de Cristal, entre 4 de março e 4 de novembro de 1894.

28 *O Catalogo da Exposição Insular e Colonial Portuguesa em 1894 no Palacio de Crystal Portuense*, integrando mais de 600 páginas, sairá só em 1895, na Imprensa Nacional.

Lisboa, MNA, 3503, 22851

24/11/1895.

Carta escrita em folha de papel tarjado de negro, nas duas páginas, datada do Porto.

[1] Porto 24/11. 95

Meu amigo

Se quer alguma cousa minha, como me pede ha annos, tenho um ms. completo, de valor, mas é grande demais p.^a o *Archeologo*. Na *Revista lusit.* podia caber, mas a impressão durará uma eternidade. Ou será o novo editor mais diligente?

O Ms. é uma descripção e commentario critico ao Codice do Escorial – *Desenhos do Hollanda*, autographos. Antiguidades da Italia. A composição é difficil, por causa de inscripções lat. e gregas. Na Rev.^{ta} daria (cálculo meu) 20-30 pag. Está completa a descripção. A Introduccão, curta, vae no fim, sómente. O Tubino publicou um resumo descriptivo no *Museo esp. de antigüedades crivado* de disparates²⁹. Estudei o Codice em Hesp. por 2 vezes.³⁰

Amigo obrg.
V.los

Lembranças ao amigo G. Pereira³¹

[2] P. S.

Peço, diga ao amigo G. Pereira que o artigo que lhe offereci p.^a a *Arte* vae por estes dias p.^a ahi, a fim d'elle o publicar no Boletim.

Era a *iconographia portugueza dos séc. XV e XVI*, referida a um nucleo central, que é um curiosissimo quadro do mosteiro de Belem, quasi desconhecido.

Surgem porém, agora desenhos a carvão e lapis, importantes, autographos, nas collecções reaes de Inglaterra (Windsor e Buckingham Palace)! Complica-se o problema; já tenho alguns decalcos de lá; mas prefiro esperar e substituir o artigo por: *Os Instrumentos de musica do Canc.^{ro} – Codice da Ajuda*, e em geral da Edade méd. portug.^{za}.

Vasc.³²

29 vol. VII, 493 [anotação de Leite, a lápis].

30 No artigo «Os desenhos de Francisco de Hollanda» [*O Archeologo Português*, Vol. II, fevereiro de 1896, N.º 2, pp. 33-48], Joaquim de Vasconcelos procura retificar a descrição estabelecida por Francisco Maria Tubino («Renascimento pictorico en Portugal». In: *Museo Español de Antigüedades*, Vol. VII, 1876, pp. 493-527) dos desenhos de Holanda integrando o Códice do Escorial.

31 Gabriel Pereira.

32 Suppl. | Maço Hist. E. – 7 – 4 [anotação de Leite, a lápis].

JV05

Lisboa, MNA, 3503, 22852

13/01/1896.

Bilhete-postal datado do Porto, com o endereço *Ex.^{mo} Sr. D.^r J. Leite de Vasconcellos. Bibliotheca Nacional. Lisboa*, e carimbo postal do dia 13-1-96.

Mandei-lhe um ms. antigo sobre *Fr.^{co} de Holl.* 27/12 registado* [*abaixo: *e carta explicativa posterior*]. Não o recebeu?

13/1. 96.
Amigo obrg.
J. de Vclos.
B. F.

Lisboa, MNA, 3503, 22853

16/01/1896.

Bilhete-postal datado do Porto, com o endereço *Illustr.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. D.^r José Leite de Vasconcellos. Bibliotheca Nacional. Lisboa*, e carimbo postal do dia 18-1-96.

Com franqueza, a demora na publicação do meu estudo não me é m.^{to} agradável. Está a sahir dentro de 4 semanas, maximo, um trabalho meu sobre o Hollanda.³³

Convinha-me que o artigo estivesse impresso até lá.

Quanto custará uma *separata* de 25 exp.^{es} no papel da revista?

Pode fazer-se, sem despeza maior? quanto do papel?

Amigo obrg.

J. de V.

16/1. 96

33 Joaquim de Vasconcelos. *Antiguidades da Itália por Francisco de Hollanda: descrição crítica dos desenhos por Joaquim de Vasconcellos*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1896.

JV07

Lisboa, MNA, 3503, 22854

14/04/1896.

Carta escrita apenas na primeira página de um bifólio de papel pautado, tarjado de luto. As três páginas restantes em branco. Sem envelope.

[1] Porto 14-4-96

Meu prezado amigo.

Devolvo hoje as ult.^{as} provas á Imp. Nac. de onde me dizem que se conseguiu a Tiragem especial. Mt.^o obrigado pela diligencia. Devo alg.^a cousa d'isso? Peço me informe.

Sobre as suas emendas:

Fol. 4 *escuvias* pode lêr-se, isso depende da interpretação; todavia tambem acho melhor *escuvie* (por ae).

fol. 20^v *Micaenatis* – tal e qual! *Conditum* (sic); puz-lhe um *sic*: por *condito* (?)

fol. 53. *Cumae*, vae em griffo; prefiro deixar a forma latina, que de resto tambem escrevi nas notas a *Tub., no fim.

p. 3 Pouz era erro por Ponz.

Seu amigo e obrg.
Joaquim de Vasconcellos
Lembranças ao nosso amigo G. P.

Lisboa, MNA, 3503, 22855

17/10/1897.

Bilhete-postal datado do Porto, com o endereço *Exmo. Sr. D.^r José Leite de Vasconcellos. Bibliotheca Nacional Largo de S. Francisco. Lisboa*, e carimbo postal do dia 20-10-97.

Porto 17/10.97.

Meu caro amigo.

Não recebi ainda provas do artigo que entreguei ao amigo G. Pereira em meados de Sept.^o p. o *Archeologo*.

Peço que me envie *dous exempl.* da dita prova e que tenham todo o possivel cuidado em não sujar os desenhos, no acto de reprodução graphica.

Se V^{ce} não dá um impulso energico á Revista os archeologos começam a fraquejar. Ha publicados apenas tres N.^{os} do vol. III.

Amigo obrg.
Vasc.os.

JV09

Lisboa, MNA, 3503, 22856

03/12/1897.

Bilhete-postal datado do Porto, com o endereço *Exmo. Sr. D.^r José Leite de Vasconcellos. Bibl.ca Nacional Largo de S. Francisco. Lisboa*, e carimbo postal do dia 4-12-97.

Porto, 3/12. 97.

Meu caro amigo.

Hübner (diz-me meu filho hoje) estranhou não ter ainda recebido o seu novo volume, *Religiões da Lusitania*.³⁴

Será possível que o esquecesse?

À sua carta de hoje responderei amanhã, ou depois.

Posso mandar-lhe a continuação do artigo, mas já nem sei o que escrevi em Julho.

Peço a prova. P.^a ligar a continuação.

Amigo obrg.
V.

34 É o primeiro volume das *Religiões da Lusitânia* (Lisboa: Imprensa Nacional, 1897), de Leite de Vasconcelos. Este anunciou o envio do volume a Hübner em carta de 13/11/1897, pedindo que escrevesse uma recensão em alguma revista de Espanha. Em carta de 27/06/1898, Leite agradece a publicação dessa recensão, sinal de que o volume, embora atrasado, chegou ao destinatário. Cf. Pedro Correia Marques. *Correspondência entre Emil Hübner e Leite de Vasconcelos*. Lisboa: Imprensa Nacional, 2023.

JV10

Lisboa, MNA, 3503, 22857

04/01/1898.

Bilhete-postal datado do Porto, com o endereço *Exmo. Sr. D.^r José Leite de Vasconcellos. Largo de S. Francisco. Bibliotheca Nacional. Lisboa*, e carimbo postal do dia 5-1-98.

Meu prezado amigo.

Não recebi as 2.^{das} provas do artigo que pedi, nem as provas da reprodução dos meus 2 desenhos q. também pedi.

Recebeu a *continuação do original*, que mandei, já impresso em prova de pagina?

Amigo e obrg.

4/1. 98

J. de Vasclos.

B. f. e feliz anno

JV11

Lisboa, MNA, 3503, 22858

13/04/1898.

Bilhete-postal datado do Porto, com o endereço *Exmo. Sr. D.^r José Leite de Vasconcellos. Largo de S. Francisco. Bibliotheca Nacional. Lisboa*, e carimbo postal do dia 14-4-98.

Porto 13/4. 98

Meu prezado amigo

Ha uns *dez mezes* que entreguei em Lxa. o meu ultimo artigo p. o *Archeologo*; e – até hoje não sahiu, posto que apparecessem desde então uns poucos de numeros, e eu tivesse solicitado a possivel urgencia! Vi e revi as provas e pedi, *debalde*, provas das illustrações. Meu amigo, isto não anima.

Seu aff.
Vasconcellos

JV12

Lisboa, MNA, 3503, 22859

23/12/1898.

Bilhete-postal datado do Porto, com o endereço *Illustr.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. D.^r José Leite de Vasconcellos. Bibliotheca Nacional. Lisboa*, e carimbo postal do dia 24-12-98.

Porto 23/12. 98

Meu caro amigo

Por m.^a Esposa soube que o Sr. Henriques (Alemquer) vae responder ao meu artigo sobre *Goes* no “Archeologo”.

Não quero occupar a sua revista com polemicas. O melhor meio de a atalhar será: mandar-me o amigo próva do artigo do Sr. H. e eu responder *em quatro ou cinco linhas apenas*: que li, mas que não continúo.* [*no rodapé*: *no mesmo numero; ou de outro modo não responderei. – Sujeito a m.^a resposta á sua censura.] Isto de forma que V.^{ce} não se melindre, e se guarde o decôro. Aos factos não tem elle que responder; citei sempre as proprias palavras d’elle.

Amigo m.^{to} obrig.

J. de V.

JV13

Lisboa, MNA, 3503, 22860

10/03/1899.

Bilhete-postal datado do Porto, com o endereço *Exmo. Sr. D.^r José Leite de Vasconcellos. Bibliotheca Nacional. Lisboa*, e carimbo postal do dia 10-3-99.

Meu caro amigo.

Recebi as provas de manhã e devolvo-as agora (1 1/2) com a resposta (poucas linhas) curtíssima como prometti.

Vão dirigidas á *B.^{ca} Nac.^{al}*.

Amigo obr.

Vas.

10-III-99.

JV14

Lisboa, MNA, 3503, 22861

23/11/1900.

Carta escrita nas duas páginas interiores de um bifólio de papel pautado. As duas páginas restantes em branco. Sem envelope.

[1] Porto 23/XI 1900

Meu caro Amigo

Mando-lhe hoje registado um ms. de um Estudo p.^a o *Archeologo*.

A Industria Nacional dos tecidos – Legislação do séc. XV. 1476-1500.

Annotado por J. de V., com uma pequena Introd. historica.

Enquanto V.^{ce} manda compôr o texto, acabo a Introd., apenas 4-5 pag; e as Notas, outras 4-5. Estão em andamento.

Agora não demore a publ.^{ção}, alias não *mando mais nada*!³⁵

[2] Peço 25-30 ex. em separata.

Se V.^{ce} tem espaço posso remmeter-lhe um importante estudo sobre as *Tabuas de pintura portugueza do séc. XV*. 1450-1500, com os monogramas – ineditos!! da Escola de Vizeu.

Preciso porem de collocar umas 15 estampas no Estudo, que deve abranger umas 100 pag. impressas. É concludente solução do problema.

Posso enviar-lh' o dentro de 15 dias a 20, mas só o quero dar sahindo *completo*, e em um unico numero.

Amigo grato
J. de Vasconcellos.

35 Este artigo sairá no volume VI (janeiro e fevereiro de 1901; n.^{os} 1 e 2, pp. 1-29) d'*O Arqueólogo Português*.

JV15

Lisboa, MNA, 3503, 22862

23/10/1901.

Carta escrita nas duas páginas interiores de um bifólio de papel pautado. As duas páginas restantes em branco. Sem envelope.

[1] Porto 23/X-1901

Meu caro amigo.

Minha mulher precisa de uma reprodução (phototypia) de um quadro existente na Casa Pia de Belem (o local vae adiante marcado) p.^a a grande biographia da Infanta D. Maria, a das “Servas”. Esse quadro representa a familia de D. Manuel e D. João III; é da 2.^{da} metade do sec. XVI. Fui eu que descobri esse precioso documento.

Lembro-lhe a V.^{cê} o seg.^{te} em nome de m.^a mulher: Escrevo-lhe um artigo sobre o quadro, sob o ponto de vista artistico e historico, e V.^{cê} manda fazer uma boa reproducção; livra-nos d’essa despeza, e concede-nos depois uma tiragem de *cliché* 250 ex.^{cs}, por um preço modico, p.^a servir na dita monographia.

Diga-me se concorda, *com a possivel urgencia*, p.^a depois lhe enviar [2] todos os pormenores, sobre o modo de photographar o quadro, descripção d’elle, sobre onde se acha etc. Já tenho licença do Provedor (Cons.^o Elvino de Brito). P.^a a dita biographia já estão feitos *tres retratos*: o da Infanta, o da mãe (3.^{ra} mulher de D. Manuel) e da latinista Hortensia de Castro.

E como a impressão da biogr.^{ia} está adiantada, seria grande obsequio dar-nos uma resposta prompta e favoravel.

Em caso affirmativo tencionava propôr-lhe a firma Castello Branco e Alabeza p.^a a reproducção, firma que já fez (e bem) a do fac-sim. do Canc. da Ajuda, que deve figurar na ed. do Niemeyer.³⁶

Seu amigo e obr.
J. de Vasconcellos.

36 Em *A infanta D. Maria de Portugal (1521-1577): e as suas damas* (Porto: Typ. a vapor de Arthur José de Souza & irmão, 1902) não figura a reprodução do referido quadro, mas sim a dos três retratos referidos na carta.

Lisboa, MNA, 3503, 22863

08/07/1905.

Carta escrita num bifólio de papel pautado. Sem envelope.

[1] Porto 8/7. 905

Meu prezado Amigo

Estive no seu Museu de Belem no ultimo Domingo, 2 do corr. da 1-4 da tarde durante umas horas que me permittiram fazer um exame demorado. Um dos guardas, que me facultou a entrada (apesar do Museu não estar ainda aberto ao publico) e um outro empregado menor, foram m.^{to} amaveis. Infelizm.^{te} não pude examinar á vontade certos objectos que estavam fechados, porq. não tinham as respectivas chaves. Fui lá principalmente por causa dos fragmentos ceramicos – arabes de que em tempos me remetteu desenhos, digo: umas aguarelas polychromaticas.

Tirei um certo numero de esbocetos da ceramica arabe, e da que presumo ser mudéjar; mas aquillo está ainda m.^{to} baralhado e confuso* [* *no rodapé*: mesmo nos dous armarios principais do fundo da galeria inferior, onde tentaram uma classificação.]: ceramica [2] moderna, isto é do seculo XV em diante, e olaria medieva peças de caracter popular toscas e modernissimas com restos de olaria fina e absolutam.^{te} rara; fragmentos evidentes de *vasilhame*, confundidos com fragmentos architectonicos (placas de revestimento, decorativas). Note que algumas d'estas placas me parecem de *gesso* comprimido; e n'este caso não podem, nem devem estar na secção *ceramica*. Com os elementos que colhi, *de visu*, já posso dizer agora alguma cousa sobre as peças, cujo desenho me enviou. Se quizer, remetta-m'as novamente, *com as dimensões exactas de cada um*. Comprimento; Larg.; grossura da pasta ou sendo de figura redonda, o diametro e a grossura da pasta.

[3] As peças que tiverem inscrições, em fragmento, ou *caracteres*, embora como elemento decorativo, devem vir acompanhadas de uma tradução de todas as legendas. — O Sr. David Lopes pode fazer isso; e n'este caso peço ao erudito arabista o favor de designar *a data* aproximada das letras, porque eu limito-me á analyse da parte artistica: massa ou pasta, esmalte, côres, ornamentações, destino do objecto ou respectivo fragmento.

Em todo o caso, o que vi é sumam.^{te} interessante, na parte ceramica; mas é urgente pôr ordem definitiva n'aquella *miscellanea*.

No resto do Museu ha m.^{to} para aprender, quando o visitante esteja preparado sufficientemente. Para [4] noventa e nove por cento dos visitantes aquillo é um simples *Ferro-Velho*. Aceite os meus parabens pelo seu trabalho que certamente tem sido grande, e difficilmente será percebido e avaliado como merece.

Um abraço do seu amigo m.^{to} obr.

Joaquim de Vasconcellos

Seria m.^{to} util escolher alguns fragmentos alias sem valor e mandar fazer a analyse technica da massa ceramica ao ChLepierre (Escola Brotero, Coimbra); mas a escolha d'esses fragmentos tenho eu de a fazer. Ha duvida em pedir officialm.^{te} essa analyse?

Eu tenho, de resto, bom empenho particular p. o chimico, q. é competente e m.^{to}.
Tenho de voltar a Lisboa, talvez m.^{to} em breve. Lembranças de m.^{ha} mulher.

JV17

Lisboa, MNA, 3503, 22864

01/08/1905.

Bilhete-postal datado da Maia, com o endereço *Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. D.^r José Leite de Vasconcelos. Na Bibliotheca Nacional. Lisboa*, e carimbo postal da mesma data.

1/8. 905.

Meu prezado amigo.

Desculpe a demora em accusar a recepção do seu bilhete postal de 12-7 – e os desenhos digo: *aguarellas*, que pouco depois recebi. Estou em descanso n'uma pequena quinta minha³⁷, com m.^{ha} mulher, nóra e filho mas conto voltar ao Porto em 15 dias. De lá escreverei: M.^{ha} mulher mandou-lhe as provas pedidas. Quanto ao mais, só regressando ao Porto, poderá satisfazer.

Seu amigo. obr.

J. de Vasc.

Quinta de Veia

Freg.^{ia} de Aguas Santas
(Maia)

37 De acordo com Sandra Leandro, a “Casa da Veia, em Águas Santas, Maia, era uma espécie de refúgio da família Vasconcelos e foi adquirida no princípio da década de 90, possivelmente em 1890, antes de a crise económica se apoderar das suas finanças no ano seguinte. Aliás esta aquisição seria uma das causas dessa dificuldade. A propriedade, atravessada pelo rio Leça, tinha moinhos de maré [...]” (Leandro, 2014, pp. 196-197).

JV18

Lisboa, MNA, 3503, 22865

18/05/1910.

Carta escrita num fragmento rasgado de (presumivelmente um bifólio de) papel pautado. Sem envelope.

Porto, 18/5 910

Meu prezado amigo

Peço-lhe a fineza p. entregar a inclusa carta ao Sr. Prof. Pellizzari, nosso amigo, na primeira ocasião. Saude e paz!

Seu amigo grato
J. de Vasconcellos

JV19

Lisboa, MNA, 3503, 22866

09/03/1912.

Carta em papel timbrado do Museu Industrial e Comercial do Porto, escrita nos dois lados, datada do Porto.

[1] Porto, 9 de Março de 1912

Meu prezado amigo

Appareceu aqui, no Porto, vinda ás m.^{has} mãos p. consulta sobre o seu valor archeolog.^o uma joia de ouro que reputo *iberica*, e de grande merecimento. É um par de enfeites circulares, p. collocar, de cada lado da cabeça, sobre as orelhas. Recordam pela forma, as duas rodela *vasadas, o toucado phantastico da *dama de Elche* (vid. Pierre Paris *Essai* Vol. 1 pag. 288 estampa hors texte): rodela laterais. A Bibl.^{ca} do Porto, i.e. José Sampaio (Bruno) está em negociações p. comprar o par. Marquei, ao apresentar o possuidor a Bruno, o preço de 100\$000 por cada joia (o valor de ouro puro a peso é: 27\$000). É offerta regular, decente que justifiquei a ambos interessados.

Rogo e supplico, agora, ao meu amigo não faça, n'este assumpto, concorrência ao pobre Museu Portuense (agora “Soares dos Reis”). E digo isto, porque ao possuidor citei, lealmente, o seu Museu e o seu nome p. o caso que o Municipio portuense regateasse um preço razoavel, por objecto tão valioso.

Disse a Bruno hoje que escreveria ao amigo p. desfazermos as aspirações exageradas do possuidor, que não tendo ainda ha 8 dias a *menor noção* do valor das duas rodela – julga agora, talvez que vai jogar a partida Leite versus Sampaio, versus Vasconcellos...

Convem que o amigo nos faça o serviço de dizer ao possuidor quando for consultado: “não dou senão 20£ (90\$000) por cada peça”. E não é mau preço, vamos. O possuidor é leigo – estudante de medicina.

Conto com a sua lealdade em todo este assumpto.

[2] Espero mandar-lhe na 2ª feira uma fotogr. com notas elucidativas, que devem sahir na *Arte* (Revista do Marques Abreu. O valor d'arte da joia é bastante modesto. Lugar do achado: região de Santo Thyrsó, n'uma vinha do irmão do apresentante da peça – que sem me conhecer (nem eu a elle) me tem dado uma serie de massadas, como se eu fosse da familia e interessado na venda e o meu tempo não valesse dinheiro.

Peço duas palavras e a boa nova: “conforme”.

Seu amigo e obr.
J. de Vasconcellos
Cedof. 159.

JV20

Lisboa, MNA, 3503, 22867

19/04/1913.

Bilhete-postal datado do Porto, com o endereço *Exmo Sr. D.^r José Leite de Vasconcelos. Dig.^{mo} Prof. da Universidade. Rua Carlos Mascarenhas 29. Lisboa*, e carimbo postal do dia 20-4-13.

Meu prezado amigo

Lembro-me de ter lido na rev. o *Arch. portug.* uma lista dos nossos “Museus provinciaes” – Municipaes principalmente. Pode dizer-me em qual vol. está a lista ou Relação? Perdi o apontamento respectivo. Apareceu o Indice geral dos vol. publicados? q. o amigo promettera?

Com uma prompta resposta m.^{to} obsequiará o seu amigo m.^{to} obrg.

J. de Vasconcellos.

Porto – Cedof. 159.

19-IV-913.

JV21

Lisboa, MNA, 3503, 22868

17/10/1917.

Cartão de visita datado com o timbre *Joaquim de Vasconcellos (Da redacção do “Commercio do Porto”)*, escrito nos dois lados, datado do Lisboa.

[1] Lisboa 17/10-917

Meu prezado amigo e Colega

Devo regressar ao Porto dentro de duas horas; são 7 da manhã – não posso pois pagar-lhe a sua fineza e receber as suas ordens. De m.^{ha} mulher posso dar-lhe senão noticias absolutam.^{te} seguras e favoraveis – pois não a vejo desde o dia 9 – ao menos bastante boas, recebidas do Bussaco, onde ella tem estado desde esse dia 9 do corr.

[2] Ha de ser m.^{to} difficil manter a ordem e hygiene (isto é a *moderação* n’esse serviço (regimen do trabalho) que o D.^r Dan. de Mattos recomendou, tanto! tanto! Ella, a bondade e generosidade em pessoa, não sabe dizer: NÃO aos innumerados *admiradores* (de boa e de má fé – exploradores...) que a cercam [* *acrescento na margem esquerda*: n’este microcosmos lusitano]. É o contrario d’este seu criado, que fez do NÃO uma moderna divisa sua. E dá-se bem.

Amigo obr.
J. de V.

JV22

Lisboa, MNA, 3503, 22869

09/06/1922.

Bilhete-postal datado do Porto, com o endereço *Exmo. Sr. D.^r José Leite de Vasconcellos. 29. R. Carlos Mascarenhas. Lisboa*, e carimbo postal do dia 11-6-22.

Porto, 9/VI-922.

Meu prezado Amigo.

Pode fazer-me o favor de indicar-me em que volume do *Archeologo portuguez* appareceu um artigo do Sr. D. José Pessanha intitulado: *A arte manuelina e os criticos*³⁸? Estou com relações muito frias com esse Senhor; e não acho, depois de percorrer os vol. do *Archeologo* dos annos IX a XVI (menos o XV q. não tenho á mão) o tal artigo. – Tenho um opusculo do Sr. Pess. com o mesmo titulo supra, mas desejava confrontar as duas redacções. – O opusculo foi impresso Lisboa, 1916, na Imprensa Nacional.

Pode deferir-me o meu pedido?

Seu m.^{to} obr. amigo
J. de Vasconcellos.
Cedof. 159.

38 Este artigo saiu no volume XXII [1917], pp. 54-69.

JV23

Lisboa, MNA, 3503, 22847

s.d.

Folha pautada de carta, escrita numa só das páginas, sem data nem local, nem envelope. Pelo tom de familiaridade, deve ser carta tardia.

Meu querido a.º

Eu nem de vista conheço o tal Eduardo Verissimo, e, se o conheço, não lhe applico o nome. N'estas condições não lhe posso escrever.

Um grande abraço e atte breve!

Seu a.º ob.
J. de Vasconcellos

Anexo

ARTE

8.º ANNO

N.º 89

REDACTOR-CHEFE

JOÃO AUGUSTO RIBEIRO

PROPRIETÁRIO, DIRECTOR E GRAVADOR

MARQUES ABREU

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO R. DE S. LAZARO, 340—PORTO

PORTO—MAIO DE 1912

PREÇO 120 REIS



JOÃO AUGUSTO RIBEIRO—RETRATO DE D. E. R.

Comp. e imp.—Empresa Gráfica A UNIVERSAL
— Rua Duque de Loulé, 111—PORTO —

Simili-gravura de Marques Abreu

DIADEMA CELTIBERICO (?) (Est. n.º 1)

O ponto de interrogação indica as minhas duvidas. O desenho da est. n.º 4 é a aplicação provável que teve outr'ora, segundo o meu parecer. A bella estampa da *dama d'Elche*, reproduzida da obra de Pierre Paris (¹) *Essai sur l'art et l'Industrie de l'Espagne primitive* (Paris, 1903-1904, 2 vol., 8 gr., a pag. 288 do vol. 1.º) elucida (est. n.º 5) a fôrma provável da joia, que é hoje apenas um fragmento.

O metal é ouro massiço, purissimo; valor de ourivesaria: 27\$000 reis, cada uma das peças, calculando o valor do gramma de ouro pelo preço do dia.

Peso certo?... grammas; dimensões:

Diametro maior 110 millim.
Circumferencia 348 »

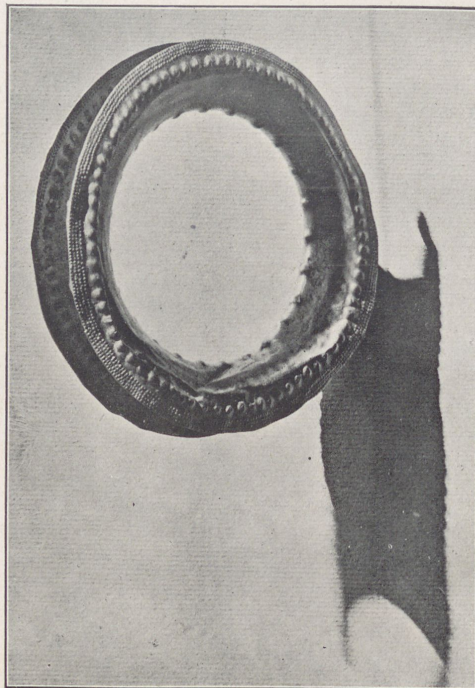
Uma das peças... (vid. o signal X) soffreu um corte brutal de ourives da aldeia. Ensaaiador (apurando a olho, sómente, 22 a 23 quilates) pretendeu certificar-se do preço usual, que podia offerecer pelo achado. Intervim eu, marcando ao possuidor o Snr. Avelino Padrão (estudante do 2.º anno da Escola Medico-Cirurgica, que veio consultar-me) uma quantia muito superior á do ourives, para evitar uma exploração. Ao Snr. Padrão mostrei depois as estampas das peças valencianas de estylo e lavor semelhante (*Cerro de los Santos*—Espana).

Dou em seguida uma simples noticia; voltarei ao assumpto em outro lugar.

Technica:

As duas peças foram batidas a martello sobre uma fôrma, provavelmente de bronze. Teria sido primitivamente uma especie de tira de ouro rectangular. Vid. o desenho.

(¹) Vid. a estampa n.º 5.

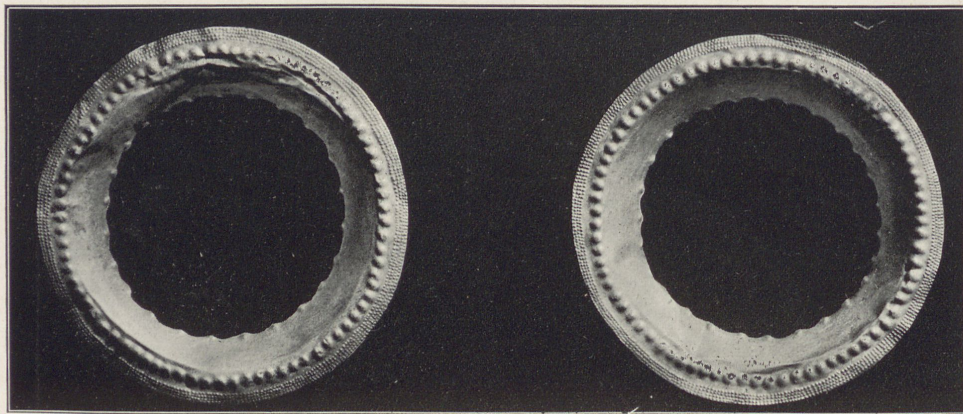


N.º 2—DIADEMA CELTIBERICO, de ouro; visto de perfil. A projecção da sombra indica a configuração interna da joia.

Simili-gravura de Marques Abreu

TIRA DE OURO

Enrolada em volta da fôrma de bronze, como uma grande argola, o ourives virou as orlas, produzindo uma meia cana concava (*scocia*), cuja secção é visível na projecção da sombra da estampa n.º 2.



N.º 1—DIADEMA CELTIBERICO, de ouro, adquirido recentemente pelo Museu Municipal do Porto; visto de face

Simili-gravura de Marques Abreu

A fôrma de bronze tinha naturalmente, em alto relevo o lavor de perolas e a quadrupla fileira de miudíssimas contas, na orla extrema.

Para reforçar a chapa de ouro, o ourives bateu sobre ella na parte interna uma pellicula tenuíssima de ouro, que é um verdadeiro prodigio da technica. Não ha no objecto o menor signal de soldadura, nem de lavor fundido, nem de cinzel ou buril.

Em summa: as duas peças são, tecnicamente falando, um prodigio. A raridade de semelhantes joias, com labores *elementares*, é extrema. Adquiriu as peças o Museu Municipal do Porto, após laboriosas e prolongadas negociações em que houve muito a louvar, pois o possuidor deu provas de evidente desinteresse e patriotismo. O Snr. Director do Museu, ajudou-o a elle, possuidor, com um bom conselho e ao signatario, que serviu de intermediario, com a paciencia intelligente que lhe é habitual.

Foi o meu amigo José Sampaio tenaz no empenho com que advogou a compra perante a Camara Municipal.

Logar do achado: *Bougado*, freguezia de Santo Thyrsó.

O Snr. Marques Abreu fez, gratuitamente, com a sua costumada generosidade, todas as photographias necessarias para as negociações com a Ex.^{ma} Camara, contribuindo assim muito efficazmente para a preciosa acquisição que marca nova época na historia das collecções, das antiguidades proto-historicas da peninsula.

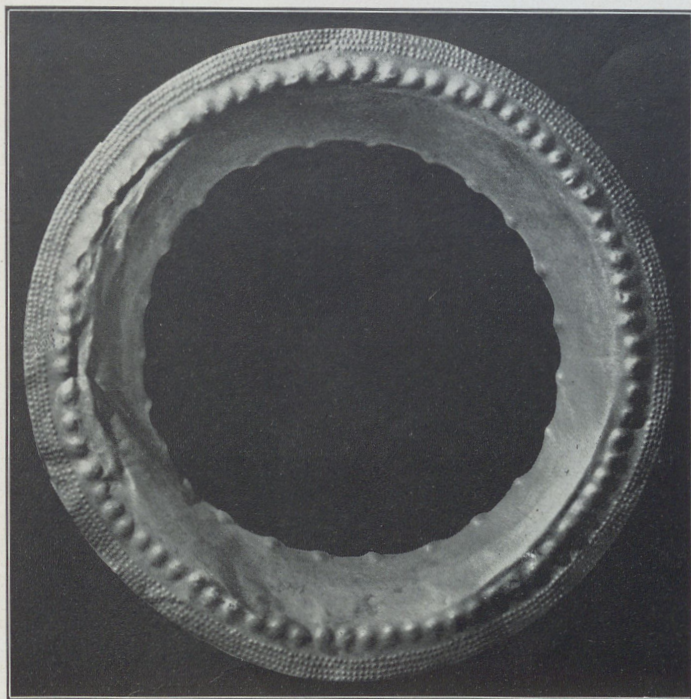
Aqui lhe rendemos, mais uma vez, homenagem. Eu fui apenas: *der ehrliche Makler*, como quem diz, o contrario do ganancioso.

Porto, 7 de maio de 1912.

Joaquim de Vasconcellos.



N.º 4 — Applicação provavel das rodelas no diadema; e tiara respectiva, considerada de estofa transparente. Des. de J. de V.



N.º 3 — DIADEMA CELTIBERICO de ouro, fotogr. do tamanho natural

Simili-gravura de Marques Abreu

PINTORAS PORTUENSES

COMQUANTO se encerrasse, ha muito, no átrio da Misericórdia a exposição dos mais recentes trabalhos das illustres pintoras, D. Aurélia de Sousa, D. Sofia Martins e D. Olívia Barros, creio que não será nunca demasiado tarde para exteriorisar uma impressão de agrado, que se radiem, e fixar um applauso justamente determinado.

Para a «Arte» e para aquelles que se acostumaram a ver nella um templo consagrado ao Bello, eterno e immarcessivel, D. Olívia Barros, embora começasse ha pouco, é já um conhecimento sympáthico e uma individualidade em destaque. Na verdade, a joven pintora, subtraíndo-se a futilidades dilatórias da sua orientação definitiva, conseguiu anular os germens perniciosos que, sob uma anterior direcção técnica, lhe iam inquinando a sinceridade nativa, e a franca expressão do espirito, naturalmente propenso a mais alterosos paíros.

Assim é que, para mim como para toda a gente, foi motivo de límpida satisfação vê-la já *outra*, dispondo, sem esforço, duma sensibilidade esthetica facilmente impressionavel e duma firmeza factural parallelá á intensificação do sentimento artistico.

Praticando o retrato, não é apenas a justa linha physionómica que ella consegue reproduzir na tēla, como, ao transportar a paisagem, ou ao



N.º 5 — BUSTO DA DAMA D'ELCHE (Valencia). Estylo greco-oriental; achado a 4 de Agosto de 1897.
Época: sec. v A. C. — Material, grês brando; alt. 0,53 c. Hoje no Louvre.

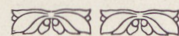
Simili-gravura de Marques Abreu

E, como não pretendo recalcar um terreno já cem vezes percorrido, renovando considerações críticas ociosas e inúteis, limitar-me-ei a verificar que, havendo entre D. Aurélia e D. Sofia uma extensa linha divisória do temperamento e da maneira de cada, as duas illustres pintoras, nesta última exposição, parecem tender a approximar-se, de modo que, ao olhar menos prevenido, se tornarão, talvez, confundíveis. No entanto, mais ou menos distanciadas, cada qual no seu plano de acção, continuam rubricando excelentes trabalhos.

Pêna foi que o certâmen durasse tam pouco e que o público interessado na obra pictural dos nossos melhores cultores, mal tivesse tempo de se assegurar, uma vez ainda, do altíssimo mérito de D. Aurélie de Sousa e de sua irman.

Maio, 1912.

Manuel de Moura.



desvendar um episódio de vida íntima, não a preocupa unicamente o empenho da fidelidade translativa. Quer mais: procura, com affan, traduzir, na luz e na côr, a nota oculta, o sulco revelador, mas vago, a feição recôndita, que passaria despercebida a quem não possuísse as qualidades e faculdades que ella realmente possui.

Não falei primeiro de D. Aurélia e D. Sofia, nem era necessário fazê-lo, desde que tratava de quem tem desde ha muito o seu lugar marcado e irrecusavel no nosso meio artístico. São duas pintoras dum grande e authenticô valor e as mais distinctas que o Pôrto se orgulha de aclamar.

40

O PUNHAL DE EL-REI D. LUIZ

(Soi-disant Benvenuto Cellini)

ESTANDO em Lisboa em 1879 foi-me mostrado o punhal, ainda pouco visto, por um empregado de confiança do Paço da Ajuda, Rodrigo Vicente d'Almeida, então *criado particular* da Rainha D. Maria Pia. Era também amanuense da Bibliotheca Real das Necessidades, por confiança especial de Alexandre Herculano, o qual funcionava como Bibliothecario do Rei D. Fernando, e não de

Índice

Introdução	4
Cartas de Joaquim de Vasconcelos (1882-1922)	14
Anexo	41